Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O ALFAIATE SIM-SIM
E O SAPATEIRO
NÃO-NÃO

O ALFAIATE SIM-SIM E O SAPATEIRO NÃO-NÃO

Numa pequena aldeia viviam, uma vez, um alfaiate e um sapateiro. Suas casas ficavam uma defronte da outra, na mesma rua. O alfaiate era um homem muito simpático, com um grande bigode preto. As pessoas o chamavam de Sim-Sim, porque ele dizia sempre: "Sim, sim, bem o creio!"
O sapateiro, em troca, era chamado de Não-Não, porque se alguém lhe pedia um favor, Me respondia logo: "Nao, não, de maneira alguma!"
Era baixo e feio, e uma comprida barba lhe cercava todo o rosto. Ele a acariciava muito satisfeito.
Os dois eram bons amigos, apesar de o alfaiate estar sempre satisfeito e alegre, e o sapateiro não parar um momento de resmungar.
Passavam o dia inteiro trabalhando à porta de suas casas. O alfaiate com sua agulha e sua tesoura, assobiando uma alegre canção. O sapateiro martelando as solas dos sapatos. Cada martelada era acompanhada de uma praga. De cada vez que

pregava um prego no couro, ele soltava uma blasfêmia.
Um dia houve um grande incêndio na aldeia, e foram destruídas muitas casas, entre elas a do alfaiate e a do sapateiro. Então eles resolveram viajar e ir ganhar a vida em outro lugar. Fizeram uma trouxa com o que lhes restavam, e, com as ferramentas do seu ofício, puseram-se a caminho. Atravessaram muitas cidades e povoados, costurando a roupa dos outros e remendando seus sapatos.
Uma tarde, cansados e famintos, chegaram a uma pousada solitária que ficava a beira da estrada. Perguntaram ao hospedeiro se havia algum trabalho para eles. Em troca do serviço eles pediam apenas alguma coisa de comer e beber, e um quartinho para dormir.
O hospedeiro aceitou a troca, e os dois amigos trabalharam sem parar o dia inteiro. Quando acabaram, cada um se retirou para o seu aposento e se deixou cair, exausto, na cama.
Antes de dormir o sapateiro resmungou qualquer coisa contra a miséria do mundo, onde era tão difícil se ganhar a vida. Depois fechou as olhos e dormiu pesadamente. Mas de súbito ouviu um rumor, e teve a impressão de que alguém o estava chamando, da janela. Levantou-se depressa para ver quem perturbava seu repouso. No peitoril viu uma galinha, que batia de leve com o bico nas vidraças.
- O que tu queres, bicho impertinente? - perguntou o sapateiro puxando a barba. - Não podes deixar a gente descansar?

- Perdoe, Sr. Sapateiro desculpou-se a galinha. - Estou aqui com um ovo um pouquinho rachado, e não consigo chocá-lo. Faça o favor de lhe par um remendo, e eu pagarei o seu trabalho.
- Não, não, de maneira nenhuma! - respondeu o sapateiro, fechando furioso a janela.
O alfaiate também estava deitado, a antes de meter-se no cama cantarolou uma alegre canção. Tal como o seu companheiro, também ouviu as pancadinhas na vidraça. Correu a janela, e quando a abriu viu a galinha.
- Par favor, Sr. Alfaiate - cacarejou a ave. - Quer cerzir um ovo que tenho aqui, para que eu possa chocá-lo?
- Sim, sim, agora mesmo! - respondeu Sim-Sim, acariciando o bigode.
Vestiu-se depressa e sem perder um minuto enfiou a agulha.
- Onde está o ovo? - perguntou.
A galinha procurou embaixo de uma asa e tirou um ovo dourado, que estava ligeiramente rachado.
- Que beleza! - exclamou assombrado 0 alfaiate. - É pena estar rachado! Vamos consertá-lo, já !
Como era um alfaiate muito habilidoso, num instante consertou o rachado, e o fez tão bem que mal se percebia o cerzido.
A galinha bateu alegremente as asas e disse:
- Mestre, agradeço-lhe de todo o meu corarão. Quanto lhe devo?
- Ora! Isso não custa nada! - replicou o alfaiate. - Trate de chocar direitinho esse lindo ovo, e não se preocupe.
- Está bem, - respondeu a galinha - mas sua

gentileza merece um prêmio. Como deve ter notado, este ovo não é igual aos outros. A fada Ametista, que auxilia e protege os seres humanos, foi que o entregou a mim, para chocar. Um geniozinho bom sairá dele, e lhe oferecerá seus serviços sempre que o senhor precisar. Está claro que será apenas por motivos sérios! O espírito não pode suportar a falsidade nem o mal. Quando precisar, basta dizer: "Clic!" Então, quando ouvir que ele responde: "Cluc!", será sinal de que está disposto a ajudá-lo. Se não responder, é porque seu pedido não serve, e portanto não deve esperar a menor ajuda. Adeus, bom homem, e não esqueça as palavras "clic" e "cluc".

Alegremente o alfaiate se meteu no cama e dormiu até surgir o sol.

No outro dia os dois companheiros prosseguiram sua viagem. Iam atravessando um frondoso bosque quando, de repente, ouviram um terrível grunhido, e um enorme urso apareceu na frente deles e os olhou fixamente.

O sapateiro soltou uma porção de pragas e puxou a barba.

O urso, pensando que aquele homem tão cabeludo também era urso, se voltou para o outro lado, encontrando-se na frente do alfaiate, que nestas horas não sorria mais. Quando o urso se preparou para atacá-lo, o alfaiate gritou: "Clic!", a como um eco chegou a resposta: "Cluc!"

No mesmo instante o enorme urso recebeu na cabeça uma pancada tão forte, que ficou surdo e cego, de uma só vez. Caiu ao chão, enquanto o alfaiate acariciava tranquilamente o bigode.

O sapateiro havia fugido a toda pressa até o próximo povoado, e quando chegou sentou-se à porta da primeira hospedagem que encontrou, murmurando:
- Bem feito para o alfaiate! Para que ele ri sempre das pessoas e dos animais?
Mas naquele preciso instante apareceu o alfaiate, são e salvo. O sapateiro ficou com os olhos do tamanho de duas laranjas, e não pode deixar de sentir um profundo respeito pelo seu valente amigo.
Pouco depois os dois caminhantes chegaram junto de uma cabana. Chamaram, da porta, e ofereceram trabalho em troca de cama e comida.
Aconteceu que naquela cabana vivia um ladrão feroz com sua mulher. Vendo, os dois companheiros, o homem começou a rir e exclamou:
- Ôba, que pássaros nós caçamos! Dêem-me depressa o que carregam no corpo, senão lhes corto a cabeça!
E sem esperar que os dois pobres caminhantes obedecessem, lhes esvaziou os bolsos e as mochilas, só deixando as ferramentas de trabalho.
- Agora vão fazer roupas e sapatos para minha mulher e para mim! - disse.
Sim-Sim e Não-Não tiveram de sentar e começar a coser e martelar o mais depressa que podiam.
Quando chegou a noite, não ganharam nada de comer nem de beber, e os dois sentiram uma forte dor de estômago.
- Estamos com fome, Sr. Ladrão! - disse o sapateiro, aborrecido. - Dê-nos alguma coisa de comer!
- Cala-te e trabalha! - exclamou o brutal bandido. -

Ainda deves agradecer à tua boa estrela, se saíres daqui com vida!
O sapateiro resmungou e continuou a bater os pregos. Mas o alfaiate se zangou com aqueles maltratos. Puxou o bigode, muito decidido, e disse:
- Todas as pessoas que trabalham têm direito a um salário, e os estômagos vazios não podem dar agilidade as mãos!
- Insolente! - gritou o dono da casa. - Vou dar-te uma lição, que nunca mais esquecerás! - e agarrou um grosso chicote. Sua mulher, vendo isto, também pegou uma vassoura, e foi a primeira a agredir o alfaiate. Este, cheio de coragem, gritou:
- Isto eu não posso tolerar! Agora verão que não se deve insultar assim duas pessoas honrados!
Sim-Sim pensava que Não-não o ajudaria, mas o sapateiro, em vez de correr para o lado do amigo, disse apenas:
- Não, não, de maneira nenhuma!
Mas o alfaiate não lhe deu importância, e com voz bem clara, gritou:
- Clic!
E de outra extremidade chegou uma vozinha que disse:
- Cluc!
O chicote e a vassoura foram arrancados das mãos dos que os empunhavam e descarregados com tremenda força na cabeça do ladrão e da mulher dele, até os dois caírem no chão sem sentidos.
Então os viajantes apanharam o que lhes pertencia, puseram tudo nas mochilas e abandonaram a cabana tão pouco acolhedora. Depois disto o sapateiro passou a sentir ainda maior respeito pelo

amigo.
Diante deles estendia-se um enorme e escuro bosque.
Os dois ignoravam que ali se alojava o terror da região, o medonho Gatofero Bruxobruxo. Se soubessem, nunca teriam penetrado ali!
Gatofero Bruxobruxo tinha uma cabeça tão grande que parecia uma catedral, e suas garras pareciam sabres de cavalaria. Dos olhos dele brotavam terríveis chamas, que incendiavam as casas e as árvores. Cada ano comia doze cavalos e doze cavaleiros. O rei era obrigado a mandar-lhe esses cavalos e esses cavaleiros, senão Gatofero Bruxobruxo queimava com os olhos a cidade e todas as aldeias do reino.
Quando os dois amigos chegaram ao centro do bosque, ouviram um roncar e uns miados, que davam a impressão de que ali viviam cem mil gatos.
Imediatamente dispararam sobre eles um raio de fogo. Não os alcançou, e não fez mais do que atear fogo numas árvores, que no mesmo instante foram reduzidas a cinzas. Depois a cabeça de catedral de Gatofero Bruxobruxo apareceu por trás das árvores que ainda estavam de pé.
- Não, não! - gritou o sapateiro, dominado pelo terror, e se escondendo atrás de uns arbustos. Em troca o alfaiate exclamou:
- Fera perversa! Para que puseste fogo numas árvores tão bonitas? - E em seguida acrescentou: - Agora vais ver uma coisa! Clic!
Logo veio a resposta:
- Cluc!

Uns punhos de ferro começaram a esmurrar Gatofero Bruxobruxo na cabeça e nos olhos, impedindo-o de emitir raios de fogo. Por fim o feroz animal caiu morto aos pés de Sim-Sim, que em seguida ajudou seu companheiro o sair do lugar onde estava escondido.
- Vamos - disse ele a rir. - Já acabamos com ele. Não queimará mais nenhuma árvore!
- Sim, acabamos com ele - disse o sapateiro, que ia recobrando pouco a pouco a coragem, vendo que Gatofero estava mesmo morto. - Vai na frente, amigo Sim-Sim; eu quero examinar bem esta fera, e depois te alcançarei.
Depois que o alfaiate saiu, o sapateiro puxou uma faca e cortou os bigodes de Gatofero Bruxobruxo, embrulhando-os num grande lenço vermelho. Ao mesmo tempo dizia consigo: “Alfaiate imbecil! Esqueceu-se de levar o troféu da vitória! Já que ele não o fez, o farei eu! Talvez me sirva para alguma coisa. . . “
Depois saiu correndo atrás do alegre alfaiate, que seguia cantando e assobiando.
Dali a pouco tempo chegaram a uma grande cidade, onde vivia o Rei daquela nação. Era um Rei muito trabalhador, que passava o dia inteiro governando e era tão enérgico que chegava a carregar a coroa para a cama, a fim de continuar governando enquanto dormia. Nunca tirava férias. Até nos domingos e nos dias feriados governava com todo o seu poder. Era um Rei muito bom e muito feliz.
Mas tinha um sofrimento, uma grande tristeza. Sua filha, Solimunda, não queria casar. Por melhores que

fossem os rapazes que aparecessem para pedir sua mão, ela dizia sempre:
- Não, não o quero; ficarei solteira.
O monarca trabalhador acabou se aborrecendo de verdade, a atirou sua coroa ao chão com tamanha força, que o diamante grande que a enfeitava saltou do engaste.
- 0 que queres afinal? - perguntou ele tremendo de raiva. - Como tem de ser um homem, para que aceites casar com ele? Se não o disseres depressa, eu deixarei de governar! E então verás o que será de ti e de todo o reino.
Solimunda se assustou muito. Mas, como não queria mesmo casar, impôs umas condições tão difíceis, que ninguém poderia ter todas juntas.
- Aceitarei por marido o homem mais corajoso, mais feliz e mais bonito da terra. Além disto, - acrescentou - tem de ter o bigode branco.
A esperta princesinha pensou que, se por acaso aparecesse o homem mais feliz e mais bonito da terra, tinha de ser, por força, ainda moço, e, portanto, seu bigode não podia ser branco. Assim ela não seria obrigada a casar com ele, e o pai não diria nada.
0 soberano procurou por todos as cantos um homem que reunisse as qualidades exigidas pela filha, mas não conseguiu encontrá-lo. Naturalmente, ele não podia zangar-se com a filha.
Quando os dois viajantes chegaram a cidade, se apressaram a ir ao palácio real.
- 0 senhor precisa de alguma roupa? - perguntou o alfaiate ao mordomo.
Ao mesmo tempo o sapateiro também perguntou:

- Precisa que lhe faça uns sapatos?
- Fora daqui! - gritou o criado. - Na corte temos o nosso alfaiate e o nosso sapateiro. Se fossem bons cozinheiros, então sim: a coisa seria diferente. Ontem cortamos a cabeça do cozinheiro-chefe e dos ajudantes, porque serviram a carne assada transformada em carvão, e agora estamos em dificuldades. 0 que respondem? Sabem cozinhar?
0 sapateiro, com um grande medo de perder a cabeça, já ia responder: “Não, não, de maneira nenhuma!”
Mas o alfaiate falou primeiro, e disse:
- Sim, sim, está claro que sabemos!
No mesmo instante foram contratados como cozinheiros, e ao meio-dia iam passar pelo primeiro exame.
Entraram na cozinha com altos gorros na cabeça e aventais brancos, e sem a menor idéia do que deviam fazer. 0 sapateiro só fazia por a mão na cabeça para ver se ela ainda estava em cima do pescoço, e o alfaiate, no entanto, se mostrava alegre e confiante.
Quando os ponteiros do relógio começaram a caminhar rapidamente para as doze, Sim-Sim gritou:
- Clic!
Um momento depois, de um canto da cozinha chegou uma vozinha que respondeu:
- Cluc!
No mesmo instante a manteiga começou a se derreter na frigideira, os ovos foram fritos, e a carne assou. No devido tempo apareceu na mesa uma

saborosa sopa, sobre a qual flutuavam gotas de gordura; um peito de galinha tão tenro que se desmanchava na boca; uns peixes que brilhavam como prata, e com a boca aberta como se gritassem de alegria; finalmente, uns pastéis que estalavam, e umas tortas cobertas com “glace” branco.
Depois que o Rei comeu todas essas coisas tão gostosas, deu umas palmadinhas na barriga, satisfeito, e mandou condecorar o cozinheiro com a Grande Cruz do Ordem do Galo, enfeitada com um estômago e um fígado.
0 mordomo levou correndo a condecoração a cozinha e pediu ao cozinheiro que se aproximasse para ser premiado.
- Sim, sim, já vou - disse o alfaiate.
Mas seu companheiro replicou:
- Não, não, de maneira nenhuma! - e, afastando-o para o lado com um empurrão, foi ao encontro do mordomo, de modo que assim foi ele quem recebeu o prêmio, e passou por cozinheiro quando não sabia nem fritar um ovo!
Nisto chegou o momento de entregarem a Gatofero Bruxobruxo o tributo dos doze cavalos e doze cavaleiros.
0 Rei, em meio dos lamentos de seu povo, mandou as vítimas para o escuro bosque. Ali permaneceram doze dias e doze noites, esperando, com um grande medo, que aparecesse Gatofero Bruxobruxo e as devorasse. Depois que transcorreu este tempo e nada aconteceu, descobriram que o monstro estava morto. Voltaram alegremente para junto do Rei e lhe deram a boa nova.
0 monarca ordenou então que o arauto da cidade

anunciasse na capital e nas aldeias que o herói que havia realizado aquela proeza, se desse a conhecer e se apresentasse para pedir a mão da Princesa, pois devia ser forçosamente o homem mais valente do mundo, assim como o mais bonito e mais feliz. Quem sabe até se ele teria bigode branco... e se assim fosse ficariam todos radiantes!
Mas ninguém respondeu ao apelo. 0 arauto não tinha andado pela cozinha, e por isto os dois amigos não souberam das novidades.
Depois de esperar muito tempo, o Rei resolveu convidar seus súditos a comparecerem diante do trono. Queria perguntar se eles sabiam alguma coisa sobre o herói, pois formosamente ALGUÉM devia saber ao certo o que havia acontecido com o monstro. Mas nem assim o soberano conseguiu obter as informações que pedia. Ficou muito triste e, com voz chorosa, perguntou ao mordomo:
- Todo o povo está aqui? Não te esqueceste de ninguém?
- Em absoluto, Majestade. Todos os vossos súditos se encontram presentes. Só faltam as dois cozinheiros, e não os mandamos vir porque eles não saem o dia inteiro da cozinha, e não tem nada a ver com batalhas, nem com armas.
- Mesmo assim, eles que venham - ordenou o Rei.
E um momento depois, Sim-Sim e Não-Não, com seus gorros e aventais brancos, entraram no salão do trono, onde se encontravam o Rei e a Princesa, cercados dos nobres do reino.
- Qual de voces dois prepara nossas apetitosas comidas? - perguntou amavelmente o soberano.
O alfaiate alisou o bigode e tossiu para responder

melhor, ao mesmo tempo que dava um passo a frente, mas o sapateiro murmurou:
- Não, não, de maneira nenhuma! - e rapidamente o empurrou para trás. Depois mostrou a Cruz que levava pendurada ao pescoço, e se inclinou, dizendo: - Majestade, o cozinheiro sou eu. Este é apenas o meu ajudante, que não faz nada, pode-se dizer.
- Muito bem - respondeu o Rei, e apontou para a Princesa com um gesto de mão.
Esta se levantou e todos puderam ver o quanto era linda, com seus compridos cabelos dourados, as faces que pareciam duas rosas, e uns olhos de miosotis. Sua voz tinha a modulação de um sino de prata, quando, voltando-se para o cozinheiro-chefe, perguntou-lhe:
- Quem é o homem mais feliz desta terra?
Descaradamente, o sapateiro respondeu:
- Sou eu o homem mais feliz desta terra, porque possuo a Grande Cruz de Ordem do Galo, com estômago e fígado!
Todos os cavalheiros e damas começaram a rir, e o Rei ordenou que levassem o sapateiro e lhe dessem cem chicotadas pela sua idiotice.
Enquanto Não-Não recebia as cem chicotadas, a Princesa mandou que o alfaiate se adiantasse, e quando ele chegou a sua frente, perguntou-lhe:
- Quem é que tu consideras o homem mais feliz desta terra?
O alfaiate alisou o seu negro bigode e respondeu:
- O homem mais feliz desta terra será aquele que ganhar vossa mão, linda Princesa.
A filha do Rei gostou muito da resposta do alfaiate

Sim-Sim e lhe dirigiu um olhar de aprovação.
Naquele momento entrou o sapateiro, coçando as costas, que lhe doíam muito, depois das chicotadas.
- Quem é o homem mais bonito desta terra? - lhe perguntou a Princesa.
O sapateiro estava diante do grande espelho pendurado atrás da Princesa, e quando viu sua cara e sua barba comprida refletidas nele, se achou muito bonito. Deu um passo na direção da filha do Rei e, com grande orgulho, respondeu:
- Creia que sou eu o homem mais bonito desta terra.
Ouvindo isto, os cavalheiros e damas riram com mais força do que antes, e o Rei mandou que o tirassem do salão do trono e lhe dessem mais cem chicotadas, para castigar sua vaidade.
- Quem é que consideras o homem mais bonito? - perguntou a Princesa, voltando-se para o alfaiate.
- Aquele que mais se parecer convosco, bela Princesa - respondeu Sim-Sim.
A jovem gostou tanto desta resposta como da anterior.
- E conheces o mais valente deste país, ou seja, aquele que matou o Gatofero Bruxobruxo?
- Conheço, linda Princesa, mas sou modesto demais para dizê-lo. Perguntai a meu companheiro, e ele vos dirá.
- Bravo, bravo! - gritaram damas e cavalheiros.
E a Princesa pensava, enquanto isto: "E' pena o bigode dele ser preto, em vez de branco. Senão, seria o marido mais indicado para mim".
Mas não teve tempo de pensar mais, porque o

sapateiro acabava de entrar para declarar o que sabia sobre a coragem do alfaiate. Mancando e gemendo, ele se adiantou até o trono.
- Dize-nos quem foi que venceu o terrível Gatofero Bruxobruxo e livrou dele a nossa pátria!
- Fui eu que o matei, fui eu! - respondeu apressado o sapateiro, e puxou o seu lento vermelho, mostrando os bigodes de Gatofero.
Todos olharam para o alfaiate, que ficou vermelho como um pimentão e gritou cheio de cólera:
- Ladrão! Patife! Ele me roubou esses bigodes! Fui eu que os cortei do monstro e os meti no lenço!
Isto não era verdade, e só a indignação pela falsidade de seu companheiro fez com que o alfaiate dissesse uma mentira.
- Prova o que dizes - ordenou o Rei.
- Agora mesmo! - respondeu o alfaiate, cada vez mais vermelho. - O ladrão caiu ao chão por si mesmo. Esperai, e vereis! - E seguro de sua vitória, gritou: - Clic!
Mas ninguém respondeu “Cluc”.
- Clic! Clic! Clic! - repetiu, mas em vão. O sapateiro continuou de pé, com os bigodes do monstro na mão e o sorriso nos 1ábios.
- Encerrem no cárcere o ajudante do cozinheiro! - ordenou o Rei, furioso. E no mesmo instante o alfaiate foi agarrado pelas mãos fortes dos guardas e levado para a prisão.
Logo a seguir se reuniu o Grande Tribunal, a fim de estudar um severo castigo para o culpado. Ficou decidido que ele seria retirado da cidade, e em pleno campo receberia mil chicotadas, sendo expulso para sempre do país.

Mas a Princesa rogou, suplicou e intercedeu por ele, derramando grossas e ardentes 1ágrimas, de maneira que os juizes perdoaram as chicotadas no alfaiate. Ele seria apenas expulso do país.
No dia seguinte, antes da hora de ele ser expulso, o Rei quis comer com sua filha, a Princesa, para que a cerimonia do castigo não tivesse de ser interrompida pela fome real. Serviram a sopa. Mas o cozinheiro, que não sabia absolutamente cozinhar, só fez esquentar água, e nela jogar uns pedacinhos de couro, daqueles que e1e usava para por as meias-solas.
- Pílulas! Pipocas! - trovejou o Rei, depois de provar a primeira colherada; e não quis mais tomar a sopa.
- Que me tragam a carne!
O sapateiro, com sua grande faca de cortar couro, tinha picado a carne em pedacinhos bem miúdos, mas como não sabia assá-la, nem fritá-la, e serviu crua!
- Isto é pele de rinoceronte! - gritou o monarca, que mordeu uma ponto de osso, e quebrou um dente. - Dêem esta porcaria para os cachorros! E tragam depressa a torta de frutas!
Não-Não, ao preparar as tortas, tinha posto mais água do que farinha, e como não pode conseguir que a massa ligasse, pôs dentro uma grande quantidade de cola de sapateiro, fazendo uma pasta horrível, que ele recheou de frutas com os caroços, laranjas por descascar, e amêndoas e avelas também com a casca.
- Presas de elefante e espinhos de ouriço! - grunhiu o Rei, batendo com a sua coroa na mesa. - Atirem este lixo pelo janela e me tragam imediatamente

esse estúpido cozinheiro! Eu lhe ensinarei a cozinhar!
Quando o sapateiro, a tremer, chegou a presença do Rei, caiu de joelhos e juntou as mãos.
- Majestade, tudo isto a culpa do meu antigo ajudante - disse ele. - Antes de ir para o cárcere ele enfeitiçou a comida que até agora, como Vossa Majestade sabe, eu soube fazer tão bem. Castigai-o de verdade! Se quiserdes, eu mesmo o executarei. Assim Vosso Majestade não terá mais motivo para se queixar do meu serviço.
Pela segunda vez reuniram o Grande Tribunal, e o alfaiate foi condenado a morte.
No domingo, à saída da missa, ele seria enforcado na praça pública, a vista de todo o mundo, e o cozinheiro seria o carrasco. Isto serviria de exemplo para todos os mentirosos, todos os maus e todos os feiticeiros!
A Princesa intercedeu por ele, mas não adiantou nada. O pobre alfaiate, no cárcere, havia refletido sobre a sua culpa, e seu coração estava cheio de amargo arrependimento. Quando leram para ele a sentença de morte, derramou muitas 1ágrimas; não por covardia, mas pela mentira que havia dito. Estava disposto a morrer, contanto que lhe perdoassem aquela falta. E até o domingo ficou ajoelhado em sua prisão, chorando e fazendo orações a Deus. Durante todo este tempo não provou comida nem tomou uma gota de água.
Na manhã do dia marcado para a execução da sentença, entraram no calabouço alguns soldados armados até os dentes, e depois de lhe amarrarem as mãos às costas o levaram para a praça onde

estava levantada a forca. Diante dele apareceu o sapateiro, esfregando as mãos, muito satisfeito.
Em volta do cadafalso se aglomeravam os nobres, os senhores e todo o povo. Num trono escarlate estava sentado o Rei, e ao lado dele, em outro trono de ouro, a Princesa. Esta segurava com a mão direita um lencinho de renda, onde deixava cair todas as 1ágrimas que, subindo do corarão, lhe brotavam dos olhos.
Mal o alfaiate chegou junto da forca, o sapateiro se preparou para lhe colocar a corda no pescoço e puxar. Mas o pobre réu pediu licença para rezar e pedir perdão dos seus pecados.
- Não, não; de maneira nenhuma! - gritou o sapateiro.
Mas a Princesa, sacudindo o lenço, concedeu a permissão, ao mesmo tempo que contemplava, com amor, o rosto daquele que ia morrer. De repente percebeu que alguma coisa havia mudado na fisionomia do alfaiate, mas era tão grande a sua tristeza, que não pode saber ao certo qual era a mudança.
O condenado se livrou das cordas que lhe amarravam as mãos, e pode assim juntá-las ao peito, ao mesmo tempo que dizia em voz alta:
- Confesso que menti uma vez, e aceito com prazer o castigo que meus pecados merecem. Adeus, belo mundo; adeus, para aqueles que me vão ver morrer; adeus, meu querido amigo, perdôo-te tudo quanto me fizeste. E acima de tudo, adeus, linda Princesa, a quem amei de todo o meu corarão. Finalmente, peço também perdão a ti, meu sempre fiel Clic!
De repente, de outra extremidade da praça chegou

um alegre: “Cluc”, o nó corrediço se apertou e um corpo ficou balaçando no ar. Quando os assistentes voltaram a si da surpresa que aquilo havia causado, tiveram outra ainda maior, ao descobrirem que o homem que estava pendurado na forca, batendo os pés com todas as suas forças, não era mais do que o sapateiro!
O alfaiate, que não sabia bem o que estava acontecendo, foi carregado em triunfo até a frente do Rei e da Princesa.
- Sê bem-vindo, herói, - disse o monarca - até que enfim a verdade foi revelada.
Bruscamente parou de falar e olhou cheio de assombro para o alfaiate.
- O que é isso? - perguntou. - Teu bigode ficou branco!
- Sem dúvida foi devido a dor e ao remorso - respondeu modestamente o alfaiate.
Então o Rei deu um salto de alegria, que fez tremer o trono.
- Agora tudo vai bem! - exclamou. - Tu és o homem mais valente do mundo, porque mataste o Gatofero Bruxobruxo, e além disto estás com o bigode branco! Se agora receberes a mão da Princesa, serás, conforme tu mesmo disseste, o homem mais feliz do universo. E também o mais bonito, não e? O que dizes a isto, minha filha?
A Princesa ficou muito corada, e suavemente replicou:
- Esse que tanto se parece comigo no coração e na alma, há de ser igual a mim também no físico. E o homem que se parecer comigo deve ser, como disse o herói, o mais bonito da terra.

- Aceitas minha filha por esposa, herói? - perguntou o Rei.
Então o alfaiate beijou a mão da bela Princesa e sussurrou:
- Sim, sim, creio que sim!
- Muito bem! Muito bem! - gritou o Rei.
- Corramos para o banquete das bodas! Todo o povo está convidado!
Os festejos do casamento da Princesa com Sim-Sim duraram três dias e três noites. No quarto dia o Rei tirou a coroa e disse:
- Já estou cansado de governar; quero tomar umas férias. De agora em diante, jovem Rei, és tu que governarás, e espero que sejas tão trabalhador como eu tenho sido.
Depois disto coroou o seu sucessor.
- Sim, sim, creio que sim! - respondeu o novo Rei, e o povo gritou a uma só voz: "Viva o Rei!"
Foram tantos e tão fortes os gritos de entusiasmo, que se ouviram em todo o país.

FIM